

## **A cocaína colombiana aumentou a violência**

Pesquisador da UFRJ analisa a evolução das drogas no Estado do Rio nos últimos 30 anos

**ENTREVISTA:**  
**Michel Misse**

A entrada da cocaína colombiana no mercado das drogas do Rio, na década de 80, aliada ao tráfico de armas, potencializou a violência. Esse é um dos pontos abordados nos trabalhos do mestre e doutor em sociologia Michel Misse, de 51 anos, que faz pesquisas desde a década de 70, Coordenador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ, ele lançará este ano o livro “A acumulação social da violência no Rio de Janeiro”.

---

**Angelina Nunes**

---

**O GLOBO:** Quais são as mudanças da violência nas últimas três décadas?

**MICHEL MISSE:** Há no Rio, como agora em algumas grandes cidades brasileiras, um complexo processo social que chamo de “acumulação social da violência”. Um dos principais fatores é a sobreposição de dois mercados ilícitos. Um oferece mercadorias ilegais e outro parasita o primeiro ao produzir mercadorias “políticas”, isto é, tudo aquilo cujo valor depende diretamente do emprego da força ou da violência, mesmo quando com amparo legal. É o caso, por exemplo, da mercadoria “proteção” e da extorsão praticada sobre os traficantes por diferentes agentes do Estado.

**O GLOBO:** O empobrecimento da população está ligado a essa escalada da violência?

**MISSE:** Pode influir, mas não necessariamente. A questão não é tanto a população pobre, mas a juventude, em especial aqueles jovens (nem sempre pobres) que, por diferentes razões, preferiram aderir ao tráfico ou a quadrilhas especializadas em roubos.

**O GLOBO:** Que fim levou o trombadinha dos anos 70?

**MISSE:** Uma parte dos trombadinhas entrou para o tráfico no final dos anos 70. Muitos morreram, mas jovem assaltante de rua hoje tende a tentar mais o roubo do que o furto, que exige habilidades e maior risco.

**O GLOBO:** A entrada da cocaína no mercado de droga no Rio alavancou a violência?

**MISSE:** Sem dúvida. O estranho é que o varejo da cocaína exista em todas as grandes cidades do mundo, mas em nenhuma parte produza efeitos de violência comparáveis aos do Rio e de São Paulo. A questão, portanto, não é exatamente o tráfico, mas porque o tráfico associa-se a tanta violência no Brasil. Há várias hipóteses: a interação com os policiais violentos e à margem da lei; a desorganização do mercado varejista (ausência de oligopólio); a impunidade que alimenta a “lei do morro”.

**O GLOBO:** Como eliminar essa lei?

**MISSE:** Existe algo como um pacto forçado nas comunidades: submissão à lei do silêncio e às regras de segurança dos traficantes em troca de proteção. Há uma variedade de situações, dependendo da área, que pode ir desde uma certa legitimidade da dominação do tráfico até a tirania mais aberta e amedrontadora. Evidentemente que a comunidade preferiria a lei constitucional, mas esta só chega lá sob a forma da repressão e mesmo da brutalidade policial.

**O GLOBO:** Qual a influência da impunidade na violência?

**MISSE:** Toda impunidade tem relação direta com o aumento do crime e da violência, embora também não seja uma explicação suficiente. A punição só tem cabimento quando a transgressão é exceção, quando há economia de regressão. Quando a transgressão começa a se tornar comum, a punição torna-se útil pois já não é capaz de soldar os vínculos sociais. Nenhuma sociedade pode viver com base principalmente na punição.

**O GLOBO:** Mas o Senado aprovou maior rigor nas penas para tráfico e para porte de arma.

**MISSE:** Se as penas muitas vezes não são cumpridas, que adianta aumentá-las? O importante é que haja punição, não que a punição seja mais ou menos rigorosa.

**O GLOBO:** Como foi a evolução da organização do tráfico?

**MISSE:** As bocas-de-fumo que existiam até os anos 50 eram limitadas aos varejistas e aos olheiros, mas já havia violência. A principal droga era a maconha, cujo comércio aumentou nos anos 60 e 70 por conta da entrada de consumidores das classes média e alta. Nesse caso, foi a demanda que estimulou a oferta. Mesmo assim era um movimento irrisório. A entrada da Colômbia na produção de cocaína em grande escala, a partir de meados dos anos 70, fez cair o preço da cocaína vendida no Rio e em São Paulo. Aqui foi a oferta que estimulou a demanda. As quadrilhas de assaltantes de banco dos anos 70 migraram para o tráfico de cocaína no início dos anos 80. O processo de expansão rápido ocorreu no Rio entre 1980 e 1983. Os conflitos internos ao mercado e a ação da polícia impediu que se formasse uma rede oligopólica, com era o desejo dos primeiros chefes do Comando Vermelho. A partir de então, o movimento se dividiu, muitos chefes foram presos ou mortos. Houve ainda uma juvenalização das lideranças. Em algumas áreas, a relação com a comunidade local se deteriorou e em outras, estabilizou-se ainda que de forma precária. A relação entre os que estão dentro das penitenciárias e os que estão fora não é simples nem estável, embora em algumas áreas gerentes continuem a seguir as ordens que emanam de dentro das prisões. Em outros casos, antigos chefes presos não controlam mais suas áreas e estão até jurados de morte pela concorrência mais jovem. É muito dinheiro, muito lucro. O tráfico de armas se associou à rota da cocaína e potencializou a letalidade.

**O GLOBO:** Acabar com a violência é uma utopia?

**MISSE:** É uma utopia, porque não há sociedade sem algum grau de violência, o crime é normal em qualquer sociedade humana. O que não é normal é o aumento continuado dos crimes, como o que estamos vivendo desde os anos 50, sem qualquer queda nos índices que ultrapasse dois ou três anos. O que não é normal é essa acumulação social da violência, que incrementa o medo, que ameaça romper com a esperança num futuro melhor.

**FONTE:**

**O Globo, Domingo, 16 de Junho de 2002.**